

APRENDIZAGEM SIGNIFICATIVA E AFETIVIDADE: DESAFIOS DO MUNDO CONTEMPORÂNEO

Wesley Pisin

Doutorando em Biotecnologia e Biodiversidade pela Universidade Federal de Mato Grosso.
Professor da Universidade do Estado de Mato Grosso, Campus Nova Mutum.
wesleypisin@gmail.com

Camila Pisin

Licenciada em Química e Especialista em Docência no Ensino Superior pelo Centro
Universitário Fundação Hermínio Ometto
camilapisin@hotmail.com

RESUMO: Esta pesquisa foi realizada por meio de revisão de literatura, e objetivou-se analisar e discutir, as relações interpessoais entre professores e alunos, visando como resultado compreender como ocorre o aprendizado do discente de maneira eficaz e significativa. O referente estudo busca ainda, apresentar os benefícios que são trazidos pela afetividade entre alunos e professores em sala de aula, evitando na maioria das vezes, o abandono, a desmotivação ou até mesmo revolta, que entre outras formas pode se manifestar por meio de atitudes de agressividade e indisciplina. Não basta que a conduta do docente seja apenas o de transmissor de conhecimento, pois a relação que caracteriza o ensinar e o aprender transcende a partir do vínculo entre as pessoas, afinal, o aluno lembrará principalmente, da maneira de como aprendeu e não somente o que lhe foi ensinado. Portanto, é necessário valorizar as relações humanas para ensinar, sendo possível alcançar o objetivo principal do processo de ensino-aprendizagem que é o de relacionar os conteúdos abordados com o cotidiano dos alunos, contribuindo assim, com a compreensão do conhecimento e com a formação de um indivíduo socialmente responsável, neste sentido construindo um resultado de aprendizagem significativa.

Palavras-chave: Afetividade. Aprendizagem Significativa. Relações Interpessoais.

SIGNIFICANT LEARNING AND AFFECTIVENESS: CHALLENGES OF THE CONTEMPORARY WORLD

ABSTRACT: This research was carried out through a literature review, and the objective was to analyze and discuss the interpersonal relations between teachers and students, aiming to understand how the student's learning occurs in an effective and meaningful way. The referent study also seeks to present the benefits that are brought about by affection among students and teachers in the classroom, avoiding in the majority of cases, abandonment, demotivation or even rebellion, which among other forms may manifest itself through attitudes of aggressiveness and indiscipline. It is not enough that the conduct of the teacher is only that of transmitting knowledge, because the relationship that characterizes teaching and learning takes place from the link between people, after all, the student will remember mainly how he learned and not only what was taught to him. Therefore, it is necessary to value human relationships to teach, and it is possible to achieve the main objective of the teaching-learning process, which is to relate the contents addressed to the students' daily life, thus contributing to the understanding of knowledge and to the formation of a socially responsible individual, in this sense building result of meaningful learning.

Keywords: Affectivity. Interpersonal Relationships. Significant Learning.

1 INTRODUÇÃO

Os principais problemas enfrentados pelos professores no âmbito escolar são a falta de interesse e a desmotivação dos alunos quando se refere ao aprendizado, trazendo consigo resultados insatisfatórios como indisciplina e baixo rendimento escolar. Entre todas as razões que colaboram para que estes problemas ocorram, o presente estudo analisou e discutiu, baseando-se em revisão literária, como as relações interpessoais podem influenciar para que o aluno obtenha aprendizagem significativa. Assim dizendo, demonstrar que a afetividade é uma ferramenta facilitadora no processo de ensino-aprendizagem, ajudando o discente a ter empatia pelo professor, possibilitando que o aluno se interesse pelos assuntos e temáticas abordados em sala.

De acordo com Saltini (2008) a proximidade afetiva de professores e o grupo de alunos podem favorecer a construção do conhecimento, como um suporte ou uma forma de fio condutor que garante a aprendizagem.

Com o intuito de melhorar o desempenho dos discentes durante as aulas, a psicologia da aprendizagem ressaltou a importância de algumas noções como a motivação (STRIKE; POSNER, 1992) ou autoconceito e expectativas (PINTRICH et al., 1993), chamando atenção para que o ensino direcione seu foco também aos aspectos subjetivos e, de alguma forma, originais da aprendizagem.

A afetividade ajuda a desenvolver o senso cognitivo do aluno, pois o professor se torna mais “próximo”, podendo analisar a melhor forma de trabalhar com ele, tanto com a disciplina a ser ensinada, bem como a maneira de abordá-la em sala, sendo ambos importantes neste processo.

É importante entender que no processo de ensino-aprendizagem o discente não lembra apenas do conteúdo que lhe fora ensinado, mas como fora ensinado. Desta forma, é possível evidenciar que o envolvimento entre o docente e seus alunos faz toda diferença para alcançar a aprendizagem significativa.

Segundo Moreira (2000), com base na teoria de Ausubel, a aprendizagem significativa ocorre quando há uma experiência afetiva envolvida no processo e não apenas um esquema cognitivo.

Para que a afetividade e a aprendizagem significativa possam ser utilizadas como método afim de se obter resultado positivo dentro da sala de aula, esta pesquisa possibilita a ajudar no entendimento da relação entre ensino e aprendizagem no desenvolvimento escolar, pois não é sempre que o conteúdo ensinado é aprendido de forma satisfatória. De mesmo modo, discutiu-se a afetividade como recurso para a obtenção de conhecimento, demonstrando seus benefícios e o modo mais simples de aplicá-lo. E, por fim, as relações interpessoais no âmbito escolar e a aprendizagem significativa foram estudadas de forma a qual seja possível relacioná-las entre si. Ao professor cabe a responsabilidade não somente de transmitir conhecimentos, mas colaborar para que se desenvolva o relacionamento de respeito e admiração, pois o professor deve estar ciente que pode influenciar o aluno educando-o de forma positiva bem como de forma negativa; e acima de tudo, compreender que é necessário o afeto para que a aprendizagem ocorra de forma proveitosa, levando o aluno a encontrar o seu caminho e obter realizações significativas para seu aprendizado.

O aluno precisa sentir prazer em aprender, os educadores também devem cultivar bons sentimentos, para transmitir, estimular e contagiar seus educandos, gerando entusiasmo e desejo em aprender, que proporcionarão bom desempenho escolar e contribuição para o progresso de aprendizagem e social.

2 A RELAÇÃO DE ENSINO E APRENDIZAGEM NO DESENVOLVIMENTO ESCOLAR

Segundo Scheffler (1974) o ensino consiste na resposta planejada às exigências naturais do processo de aprendizagem, isto é, o método pelo qual se ensina é mais importante que o conteúdo a ser ensinado. O ensino é visto, também, como resultado direto de uma relação pessoal entre professor e aluno.

Para Baranov et al., (1989, p. 75) o ensino é "um processo bilateral de ensino e aprendizagem". Ou seja, é possível interpretar que o autor deixa claro que não existe ensino sem "aprendizagem". O posicionamento do autor foi muito claro quando estabeleceu uma unidade dialética entre ensino e aprendizagem, ou seja, a palavra ensino é a relação que o professor estabelece com o conhecimento, em outras palavras é como ele ensinará o conteúdo. Já a aprendizagem é a relação que o aluno estabelece com o conhecimento e, portanto, é nela que a mediação (professor-aluno) se efetiva, pois é neste momento que é possível observar o que o discente aprendeu. Portanto, para haver aprendizagem é necessário haver ensino.

As experiências cognitivas e afetivas que existem na prática pedagógica, asseguram o sentido entre ensinar e aprender, pois assim é possível criar a metodologia de ensino que seja mais adequada ao momento, pois Segundo Coll e Miras (1996, p. 89), "o ato de ensinar e aprender implica sempre no mínimo dois atores", portanto, a relação principal que estabelece se a obtenção do conhecimento será satisfatória ou não é a do professor-aluno.

De acordo com Vygotsky (1994, p.45), "a educação é considerada fonte de desenvolvimento", isto é, para que haja um progresso na vida social e escolar do educando é necessário existir uma relação entre o que e como se ensina. No âmbito escolar, o docente exerce o papel de mediador na aprendizagem do discente.

É necessário lembrar que todos os indivíduos que adentram uma sala de aula, não estão “limpos” como uma folha de papel em branco. Os discentes possuem vivências que, por sua vez, são transformadas em conhecimentos prévios sobre determinados assuntos e que devem ser utilizados no ato de ensinar, pois para que a aprendizagem se torne significativa é preciso sempre enfatizar a relação existente entre o assunto e a vida cotidiana dos estudantes. Em sua teoria, Ausubel (1978) apresenta uma aprendizagem que tenha como ambiente a comunicação eficaz, que respeite e conduza o aluno a imaginar-se como parte integrante desse novo conhecimento por meio de elos, de termos familiares a ele. Na escola, a partir da palavra, o educador pode diminuir a distância entre a teoria e a prática, capacitando-se de uma linguagem que ao mesmo tempo desafie e leve o aluno a refletir e sonhar, conhecendo a sua realidade e os seus anseios.

Somente o professor e suas estratégias de ensino podem garantir a excelência do processo de ensino. Esta é uma conquista, requer diálogo, participação efetiva do aluno e, o mais importante, um relacionamento próximo e empático com o aluno.

É preciso reforçar a ideia de que não haverá excelência no processo de ensino-aprendizagem se não houver a busca permanente por uma excelência nas relações de convivência, no ambiente ou espaço de aprendizagem, entre professores e alunos. É no espaço da convivência, que há a proximidade e a empatia, que o ato de ensinar e aprender se efetiva e ganha sentido e significado, resultando no desenvolvimento escolar e muitas vezes social, satisfatórios.

3 A AFETIVIDADE COMO RECURSO PARA A OBTENÇÃO DO CONHECIMENTO

Para Wallon (1968) toda aprendizagem está diretamente vinculada ao lado cognitivo do aluno e para que este lado seja desenvolvido de forma satisfatória na escola é necessário que o professor não fique somente interessado e preocupado em ensinar o conteúdo, mas sim em como trabalhará determinado tema para que a sala tenha maior e melhor desempenho e, principalmente, que nunca esqueçam o que lhes fora ensinado. Uma boa ferramenta a ser utilizada com esta finalidade é o afeto na relação professor-aluno.

De acordo com Cunha (2008, p.51):

Em qualquer circunstância, o primeiro caminho para a conquista da atenção do aprendiz é o afeto. Ele é um meio facilitador para a educação. Irrompe em lugares que, muitas vezes, estão fechados às possibilidades acadêmicas. Considerando o nível de dispersão, conflitos familiares e pessoais e até comportamentos agressivos na escola hoje em dia, seria difícil encontrar algum outro mecanismo de auxílio ao professor mais eficaz.

Segundo Freire (1996, p.141), “a afetividade não se acha excluída da cognoscibilidade”. O conceito de afeto traz muitas críticas ao seu uso dentro da sala de aula, pois se imagina uma reação de ordem física, sem respeito. Na verdade, a afetividade que deve ser usada como benefício tanto para o educando como para o educador não se resume a carícias ou a palavras de amor, e sim a palavras de incentivo, aproximação do professor para conhecer a vivência deste aluno, afinal a prática pedagógica necessita de uma conexão com a vida cotidiana do discente para que veja sentido no que se aprende. Portanto, se não houver uma proximidade entre educador e educando, será impossível entender o que se passa no dia a dia do aluno e entender sua cultura, sua história, seu conhecimento prévio sobre determinado tema para promover de forma eficiente a aprendizagem.

Muitos docentes acreditam que o uso da afetividade induz aos alunos agirem com desrespeito e indisciplina em sala, pois possibilita que o discente pense que o professor é seu “amigo” e, portanto, não precisa cumprir ordens. É evidente que este pensamento está ultrapassado, pois de acordo com as Referências para a Formação de Professores, da Secretaria da Educação Fundamental (BRASIL, 1999) “O desenvolvimento profissional contínuo dos futuros professores e a apropriação de competências como ‘analisar situações e relações interpessoais...’ identificando características cognitivas, afetivas e físicas”.

Logo, o professor em sua formação, já deveria aprender que a afetividade é algo importante para que a aprendizagem ocorra de forma satisfatória. Toda aprendizagem está diretamente ligada à afetividade, pois ocorre a partir de interações sociais, em uma “ligação” entre os seres envolvidos.

Vygotsky (1994), ao destacar a importância das interações sociais, traz a ideia da mediação e da internalização como aspectos fundamentais para a aprendizagem, defendendo a construção do conhecimento que ocorre à partir do intenso processo de interação entre as pessoas,

no qual o aluno deve se relacionar com os colegas de sala, mas principalmente com o professor, de forma afetiva, pois o discente será o norteador no seu processo de ensino-aprendizagem.

É óbvio que não haverá resultados positivos se o professor não demonstrar compromisso com a profissão de educador, se não for dedicado e responsável, pois a má vontade ou a falsa transmissão de afeto também pode ser percebida e pode reverter em consequências negativas para o âmbito escolar.

Segundo Cunha (2008, p.80):

A professora ou professor é o guardião do seu ambiente. A começar pelos seus movimentos em sala, que devem ser adequados e gentis. A postura, o andar, o falar é observado pelos alunos, que o vê como modelo. Independente de idade, da pré-escola à universidade, o professor sempre será observado. Então, um bom ambiente para a prática do ensino começa por ele, que canalizará a atenção do aprendente e despertará o seu interesse em aprender.

É importante destacar que em nenhum momento a escola e o professor devem deixar de lado sua missão de formar cidadãos e para que isso aconteça deve-se propor desafios a serem resolvidos, responsabilidades quanto a datas e entregas de atividades, entre outros atos que desenvolvam a cognição dos educandos, mas sempre utilizando o diálogo afetivo constante, proporcionando assim, um ambiente agradável e confiante, podendo moldar o aluno para uma vida de princípios e valores, que de acordo com Saltini (2008, p.69):

O educador não pode ser aquele que fala horas a fio a seus alunos, mas aquele que estabelece uma relação e um diálogo íntimo com ele, bem como uma afetividade que busca mobilizar sua energia interna. É aquele que acredita que o aluno tem essa capacidade de gerar ideias e coloca-las ao serviço de sua própria vida.

Assim a educação não deve ser opressora, ao contrário, deve ser especial e marcante, onde os alunos não sejam tratados como um depósito de informações, mas possam mostrar sua capacidade de pensar, agir e interagir, pois elas não se desapropriam dos aspectos afetivos que compõem sua personalidade ao entrarem na sala de aula.

É preciso ressaltar que o professor tem em mãos o poder de tornar a afetividade algo que faz parte do cotidiano do aluno, pois é seu dever o papel de infundi-la, afinal, o educador que

planeja as aulas e escolhe como será desenvolvida, como por exemplo, os métodos de ensino, as atividades propostas em aula e, principalmente, os procedimentos de avaliações, sendo estes, muitas vezes, indicadores de falta de afeto e utilizado como punição.

Na concepção de Wallon (*apud* ALMEIDA, 1999, p. 45):

A importância das relações humanas para o crescimento do homem está escrita na própria história da humanidade. O meio é uma circunstância necessária para a modelagem do indivíduo. Sem ele a civilização não existiria, pois foi graças à agregação dos grupos que a humanidade pôde construir os seus valores, os seus papéis, a própria sociedade.

Cabe aos docentes, neste mundo repleto de novas informações que surgem a cada instante e que muitas vezes são confundidas com conhecimento, cativar os alunos para que possam expressar seus sentimentos a respeito da aula, fazendo com que se torne cada vez melhor e, também, que o educando sintam-se acolhido e veja o educador como um exemplo a seguir.

4 AS RELAÇÕES INTERPESSOAIS NO ÂMBITO ESCOLAR E A APRENDIZAGEM SIGNIFICATIVA

O ato de ensinar e aprender são produtos de trocas de informações, ou seja, é a partir da relação entre pessoas que se torna possível obter conhecimento e não há melhor lugar para que isto ocorra como o ambiente escolar. Seja este espaço escolas ou universidades, sempre haverá uma relação interpessoal acontecendo, quer ela de aluno para aluno ou de professor para aluno.

Diante do exposto, as relações interpessoais que o educando possui durante sua vida escolar, influenciará diretamente o seu desenvolvimento cognitivo, principalmente se este vínculo ocorrer com o docente que pode conduzi-lo ao aprendizado sem fim.

Ao citar a expressão aprendizagem significativa podemos relacionar o termo com motivação. Quando o professor possui uma relação de afetividade com seu aluno, portanto conhece seu cotidiano, pode relacionar o conteúdo a ser ensinado com o conhecimento prévio do aluno e isto causa interesse no educando, pois ele nota sentido no que aprende tendo como consequência a motivação para aprender sempre mais, alcançando resultado satisfatório.

Duas condições são necessárias para uma aprendizagem significativa. Em primeiro lugar, os alunos devem ter vontade de aprender: se os indivíduos quiserem memorizar o conteúdo de forma arbitrária e literal, o aprendizado será mecânico. Em segundo lugar, o conteúdo escolar a ser aprendido deve ter significado potencial e deve ter significado lógico e psicológico: o significado lógico depende apenas da natureza do conteúdo, e o significado psicológico é uma experiência que todos têm. O que é significativo ou não vai depender do processo de filtragem que cada aprendiz julgará significativo para ele. Neste duplo quadro de referência, a proposição de Ausubel (1978) começa com a seguinte consideração: Os indivíduos têm organizações cognitivas internas baseadas no conhecimento conceitual, e sua complexidade depende mais da relação estabelecida por esses conceitos. É compreensível que essas relações tenham características hierárquicas, portanto, a estrutura cognitiva pode ser entendida fundamentalmente como uma rede conceitual organizada hierarquicamente segundo a abstração e generalização.

De acordo com essa norma, a característica global da aprendizagem escolar é a absorção de determinados sujeitos do conhecimento conceitual para a rede, os quais são selecionados como conhecimentos relevantes na sociedade e organizados no campo do conhecimento.

Ausubel (1978, p.96) diz que “[...] a aprendizagem significativa é um processo por meio do qual uma nova informação relaciona-se, de maneira substantiva (não literal) e não arbitrária com subsunções específicas existentes na estrutura cognitiva do indivíduo [...]”. Em outras palavras, o autor diz que a aprendizagem significativa acontece de forma prazerosa e automática, pois o indivíduo consegue vincular o assunto ensinado com o conhecimento adquirido em seu cotidiano no decorrer de sua vida.

Ainda para o autor, a técnica de ensino deve ser orientada de forma a permitir que o aluno realize a aprendizagem significativa, isto é, que este aluno perceba a significância dos conteúdos que possam estar relacionados entre si e ter valor de aplicação para a sua vivência cotidiana. A importância de se construir bem como reconstruir permanentemente conceitos por meio de novas informações, reflete a partir do fato trivial do autor propor-se a ser “enraizado” no prévio conhecimento dos discentes, demonstrando-se assim fundamental importância.

Para que o educador consiga criar uma ponte entre o conteúdo escolar e o dia a dia do educando é necessário antes estabelecer uma relação repleta de afetividade. O papel do professor deve ser minucioso e perspicaz para identificar quais as dificuldades do discente.

Segundo Moreira (2000, p.42):

A hipótese de Novak é que a experiência afetiva é positiva e intelectualmente construtiva quando o aprendiz tem ganhos em compreensão; reciprocamente, a sensação afetiva é negativa e gera sentimentos de inadequação quando o aprendiz não sente que está aprendendo.

Ao citar Novak, o autor quer ressaltar que para existir uma aprendizagem significativa é preciso que o estudante tenha uma predisposição para aprender, ou seja, a ação educar está ligada diretamente com uma experiência afetiva, a qual pode despertar motivação ou desânimo.

Piaget (1990) sustenta a ideia que a interação com o meio influencia o desenvolvimento intelectual do ser humano. O autor destaca que, a emoção ou o sentimento não é capaz de alterar a estrutura das funções inteligentes, mas sim a energia, a pujança que impulsiona todas as ações responsáveis pela aprendizagem. Portanto, o professor deve ser mediador deste processo de tornar o aprendizado algo significativo.

De acordo com Dell'Agli e Brenelli (2006, p.32):

A ação, seja ela qual for, necessita de instrumentos fornecidos pela inteligência para alcançar um objetivo, uma meta, mas é necessário o desejo, ou seja, algo que mobiliza o sujeito em direção a este objetivo e isso corresponde à afetividade.

Portanto, para que haja uma aprendizagem eficiente a qual o educando consiga realmente adquirir um conhecimento duradouro, a figura do educador é imprescindível, pois assim, haverá uma relação interpessoal que poderá “examinar” a progressão do aluno e isto só é possível através de um vínculo afetivo.

Se houver apenas uma reprodução de conteúdo por parte dos professores na sala de aula, os alunos não terão interesse em aprender e, com isso, surgirá resultados negativos, fazendo com que o discente tenha desprazer em estudar, distanciando-o do âmbito escolar.

Quando o educador não gosta do que faz, fica evidente aos educandos e acabam despertando igual sentimento em relação com o conteúdo.

É óbvio, que conforme supracitado, o professor que não se preocupa com o fato de aproximar-se do aluno para identificar suas dificuldades, ou até mesmo entender o seu cotidiano, sua realidade, nunca conseguirá implantar ou até mesmo introduzir a aprendizagem significativa.

O processo de ensino-aprendizagem, do ponto de vista de Relvas (2007), está associado à construção de pontes entre a objetividade e a subjetividade, entre o ser que aprende e o ser que ensina, isto é, o modo como o professor ensina que fará a diferença no grau de interesse do aluno para aquele determinado assunto.

Os tipos de relações interpessoais que os docentes deveriam desenvolver com seus educandos, necessitam de ênfase maior, a partir de sua formação na licenciatura ou graduação, pois os professores devem ter a consciência que o sujeito da ação docente é o ser humano, e que ele necessita de atenção especial.

O professor, sendo o mediador do processo, deve ajudar ou promover os alunos na construção da aprendizagem significativa que, para isso, é preciso dar sentido pessoal à aprendizagem, para que os alunos não só compreendam o que estão fazendo, mas também a razão e o propósito deste feito.

Com tantas informações disponíveis, é importante que os educadores encontrem uma ponte motivacional que inspire os alunos a acordar e sair do estado de espectador passivo, possibilitando a inserção de uma maneira de abordagem que os tornem ativos no processo de aprendizagem.

A forma de aprendizado atual é buscar, comparar, pesquisar, produzir e comunicar. A aprendizagem significativa está relacionada à possibilidade de os alunos aprenderem colaborativamente de várias maneiras, para que possam desenvolver habilidades e competências

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Durante todo o desenvolvimento do trabalho foi possível perceber a importância da afetividade no processo de ensino, pois o uso do afeto como ferramenta, auxilia no processo de identificação de possíveis problemas envolvendo o aluno em sala de aula e ajuda o professor a

conhecer o cotidiano do discente, fazendo com que o docente procure formas de aprimorar seu método de ensino para obter resultados satisfatórios e, principalmente, uma aprendizagem significativa.

De acordo com Wallon (1971) que defende, em sua teoria, o caráter contagioso do afeto, ou seja, conclui-se, portanto, que o professor contagia e é contagiado pelos alunos dependendo do seu modo de agir e essas emoções nas relações interpessoais interferem no processo de ensinar e aprender.

Portanto, além da colaboração com os assuntos referentes à sala de aula, a afetividade quando utilizada pelo docente na escola, pode contribuir na formação de pessoas socialmente melhores.

O indivíduo constrói o conhecimento a partir das interações que ocorrem entre o ambiente e o pensamento e, desta forma, resgata a visão de contexto, revelando que o indivíduo é que se parece em um determinado contexto, podendo e com o dever de compreender a relação com a realidade a partir de seu entendimento com suas relações e interações com o meio ambiente.

Contudo, é de grande importância que na sala de aula o professor aja como mediador na obtenção de conhecimento e que para isso, ele possa se aproximar do aluno de forma afetiva, conhecendo realmente as dúvidas e anseios dos alunos, auxiliando também na formação de um bom cidadão. Isso significa que a educação promove o respeito pelas diferenças, dificuldades, diversidades entre as pessoas, suas diferenças culturais e diferentes processos de desenvolvimento humano.

REFERÊNCIAS

AUSUBEL, D.P. **Aquisição e Retenção de Conhecimentos: Uma Perspectiva Cognitiva.** Lisboa. Paralelo Editora. 1978.

BARANOV, S. P; BOLOTINA L. R; SLASTIONI, V. A. **Pedagogía.** La Habana: Pueblo y Educación, 1989.

BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. **Referenciais para formação de Professores.** Brasília: Secretaria de Educação Fundamental, 1999.

COLL, C.; MIRAS, M. **A representação mútua professor/aluno e suas repercussões sobre o ensino e a aprendizagem.** In COLL, C.; PALACIOS, J.; MARCHESI, A. (Orgs.).

Desenvolvimento psicológico e educação: psicologia da educação, v.2. Porto Alegre: ArtMed. Tradução: Angélica Mello Alves. 1996. p.265-80.

COLL, C.; PALACIOS, J.; MARCHESI, A. (Orgs.). **Desenvolvimento psicológico e educação: psicologia da educação**, v.2. Porto Alegre: ArtMed. Tradução: Angélica Mello Alves. 1996.

CUNHA, A. E. **Afeto e Aprendizagem, relação de amorosidade e saber na prática pedagógica**. Rio de Janeiro: Wak, 2008.

DELL'AGLI, B.; BRENELLI, R. A afetividade no jogo de regras. In: Sisto, F.; Martinelli, S. **Afetividade e Dificuldades de Aprendizagem: uma abordagem psicopedagógica**. 1.ed. São Paulo: Vetor, 2006.

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

GALVÃO, I. **Henri Wallon: uma concepção dialética do desenvolvimento infantil**. 3ª ed. Petrópolis: Vozes, 1995.

GALVÃO, I. **As Origens do Caráter na Criança**. São Paulo: Difusão Européia do Livro. 1971.
MOREIRA, M.A. **Aprendizaje significativo: teoria y práctica**. Madrid: Visor. 2000, p.167.

PIAGET, J.; INHELDER, B. **A psicologia da criança**. 11 ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1990.

PINTRICH, P. R.; MARX, R. W.; BOYLE, R. A. Beyond cold conceptual change: the role of motivational beliefs and classroom contextual factors in the process of conceptual change. **Review of Educational Research**, v. 63, n. 2, 1993, p.167-199.

POSNER, G. J.; STRIKE, K. A.; HEWSON, P. W.; GERTZOG, W. A. Accommodation of a scientific conception: toward a theory of conceptual change. **Science Education**, v. 66, n. 2, 1982, p. 211-227.

RELVAS, M. P. **Fundamentos biológicos da Educação: despertando inteligências e afetividade no processo de aprendizagem**. 2ª ed. Rio de Janeiro: Wak Ed., 2007, p. 65.

SALTINI, C. J.P. **Afetividade e Inteligência**. Rio de Janeiro: Wak, 2008.

SCHEFFLER, I. **A linguagem da educação**. São Paulo: Saraiva, Ed, da Universidade de São Paulo, 1974.

STRIKE, K. A.; POSNER, G. J. A revisionist theory of conceptual change. In: Duschl; Hamilton (Eds.). **Philosophy of Science, Cognitive Science and Educational Theory and Practice**. Albany: Suny Press, 1992. p. 147-176.

VYGOTSKY, L. S. **A formação Social da Mente**. São Paulo: Martins Fontes, 1994.

WALLON, H. **A evolução psicológica da criança**. Lisboa: Edições 70, 1968.